SEMINA
Ciências Sociais e Humanas

Artigo

HIV na era dos algoritmos: vigilância, estigma e subjetividade nos aplicativos móveis

Waldir Barros Cavalcante Leal Filho[1]
Guilherme Augusto Souza Prado[2]

Resumo

Esta pesquisa analisa o impacto de aplicativos móveis na vida de pessoas que vivem com HIV (PVH), investigando como essas ferramentas digitais influenciam o gerenciamento da saúde, o acesso à informação e a produção de subjetividades. Adotando uma metodologia multinível, inspirada na Teoria Ator-Rede e nos *App Studies*, o estudo analisou quatro aplicativos (*Grindr*, *Pozlife Community*, Viva Bem e *Liverpool HIV iChart*) através de: 1) análise de interface e usabilidade; 2) exame cruzado de Termos de Uso e Políticas de Privacidade; 3) identificação de *trackers* nos pacotes de instalação; e 4) revisão de narrativas de usuários em fóruns online. Os resultados revelam um paradoxo fundamental: as promessas de autonomia e cuidado são sistematicamente minadas por infraestruturas técnicas e lógicas econômicas que reproduzem estigmas. Identificou-se vigilância comercial predatória no *Grindr*, segregação estigmatizante no *Pozlife*, negligência estatal no Viva Bem e opacidade institucional no *Liverpool HIV iChart*. Conclui-se que esses aplicativos, longe de serem ferramentas neutras, atuam como agentes de subjetivação que frequentemente reforçam os mesmos sistemas de controle e exclusão que se propuseram a transpor.

Palavras-chave: HIV; AIDS; psicologia; aplicativos; saúde.

1 Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR). E-mail: waldirbarros22@icloud.com

2 Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Fluminense. E-mail: Guispra@gmail.com

https://doi.org/10.5433/1679-0383.2026.v47.54180

HIV in the Age of Algorithms: Surveillance, Stigma, and Subjecitivy in Mobile Applications

Abstract

This research analyzes the impact of mobile applications on the lives of people living with HIV (PLHIV), investigating how these digital tools influence health management, access to information, and the production of subjectivities. Adopting a multilevel methodology inspired by Actor-Network Theory and App Studies, the study examined four applications (*Grindr*, *Pozlife Community*, Viva Bem, and *Liverpool HIV iChart*) through: (1) interface and usability analysis; (2) cross-examination of Terms of Use and Privacy Policies; (3) identification of trackers within installation packages; and (4) review of user narratives in online forums. The results reveal a fundamental paradox: the promises of autonomy and care are systematically undermined by technical infrastructures and economic logics that reproduce stigmas. The study identified predatory commercial surveillance in *Grindr*, stigmatizing segregation in *Pozlife*, state neglect in *Viva Bem*, and institutional opacity in *Liverpool HIV iChart*. It concludes that these applications, far from being neutral tools, act as agents of subjectivation that often reinforce the very systems of control and exclusion they claim to overcome.

Keywords: HIV; AIDS; psychology; apps; health.

Introdução

A onipresença dos aplicativos móveis para smartphones na sociedade contemporânea consolidou-os como ferramentas indispensáveis para uma gama de atividades cotidianas, desde transações bancárias e comunicação até o gerenciamento de relacionamentos e da saúde. Entre eles, os aplicativos de relacionamento voltados a interações afetivo-sexuais representam uma faceta significativa das relações humanas atuais, conectando pessoas de diferentes partes do mundo, ou mesmo de locais próximos, em um espaço comum de trocas e interações possíveis. Por outro lado, ao abordarmos a história social do HIV/AIDS, torna-se crucial considerar de que forma as pessoas que vivem com HIV (PVH) estão inseridas nesses espaços digitais. Nesse sentido, ao considerarmos o desenvolvimento dos meios cibernéticos, especialmente dos aplicativos e sites voltados para relacionamentos afetivos, é pertinente traçar paralelos com eventos históricos que marcaram de maneira profunda nossa sociedade.

No universo digital, questões como privacidade e segurança tornam-se ainda mais prementes, demandando uma compreensão mais profunda por parte dos usuários e trazendo à tona a necessidade de adaptação constante. A ascensão do mundo digital, especificamente a proliferação de aplicativos de relacionamentos, representa uma transformação marcante no tecido social contemporâneo. O fenômeno se destaca por suas implicações profundas na maneira como os indivíduos se conectam e estabelecem relacionamentos interpessoais. Entretanto, essas interações são permeadas por estigmas quando envolvem as PVH, população histórica e circunstancialmente acometida por diversos tipos de violência, física e/ou psicológicas.

Paralelamente a isso, ao remontarmos à crise do HIV/AIDS na década de 1980, emerge um cenário intrincado, caracterizado não apenas pela disseminação de uma enfermidade enigmática e devastadora, mas também pelos desafios socioculturais que emergiram em seu rastro. A escassez de informações à época fomentou a estigmatização dos indivíduos acometidos pelo HIV e amplificou o preconceito correlato à infecção pelo vírus. O HIV, em seu anúncio, foi rigidamente delineado tanto pela esfera biomédica quanto pela pseudociência, sendo frequentemente associado a uma “peste”. De forma concomitante, a articulação discursiva jornalística e midiática conferiu à doença uma conotação que a vinculava a determinadas populações, utilizando nomenclaturas como “câncer gay” e “Grid” (Imunodeficiência Relacionada aos Gays). Essa construção simbólica contribuiu para a segregação das pessoas e para a criação de metáforas hierárquicas que rotulavam os indivíduos como “poluídos” e “não poluídos”. Dessa forma, como observa Sontag (1994) em *Doença como metáfora*, a ideia de “doença do outro” foi perpetuada, reforçando estigmas e preconceitos que moldaram as percepções sociais da época.

Remontando aos primórdios desses marcadores, destaca-se a criação do aplicativo de relacionamento *Grindr*, voltado para o público LGBTQIA+, lançado em

2009. O aplicativo disseminou a ideia de conectar pessoas com base em preferências e interesses compartilhados, por meio de uma interface acessível e intuitiva. Sua dinâmica baseia-se em um horizonte de encontros casuais e na seleção de parceiros a partir de perfis com fotos e outras informações sobre o usuário, como altura, peso, posição sexual preferida, gênero, idade. Além disso, recentemente foram incorporados recursos para anexar comprovantes de vacinação (incluindo a da Covid-19) e do uso de de PrEP, assim como o compartilhamento da localização e a alternativa de identificar a distância entre os usuários. A concepção desse modelo de aplicativo foi um catalisador para a proliferação subsequente de aplicativos de relacionamento na comunidade LGBTQIA+, ao transcender barreiras geográficas e facilitar a construção de conexões interpessoais.

No âmbito sociológico, aplicativos como o Grindr têm desencadeado mudanças significativas, redefinindo conceitos como intimidade, privacidade e até mesmo as dinâmicas tradicionais de namoro. Sob essa perspectiva, a conectividade global facilitada por tais aplicativos amplia as oportunidades de interação, mas também suscita questionamentos sobre a autenticidade e a durabilidade das conexões digitais. Integrados à dinâmica cultural contemporânea, esses aplicativos não apenas reproduzem as normas e valores sociais vigentes, mas também influenciam novas formas de entender o amor, os relacionamentos e a própria identidade. Essa intersecção entre a lógica do consumo e as interações digitais demanda uma avaliação crítica das consequências éticas, sociais e psicológicas que emergem dessa nova realidade interconectada, na qual o "ser" e o "estar" se confundem com o "parecer" e o "mostrar".

À medida que avançamos para o século XXI, a dinâmica entre sexualidade, reconhecimento e tecnologia assume novas formas sob o influxo das plataformas digitais. O desejo por reconhecimento não se restringe mais às esferas do amor e do sexo, mas se entrelaça com a crescente interconectividade proporcionada pela internet e pelas redes sociais. A busca por conexões interpessoais transcende fronteiras geográficas e barreiras sociais, enquanto as tecnologias digitais oferecem novos meios de experiências, expressão e interação, pois,

> Se a experiência e a relação que temos com nós mesmos não é de movimentos, fluxos decomposições e recomposições é por causa da localização dos humanos nesse outro plano, esse plano de organização que tem a ver com o desenvolvimento de formas e com a formação de sujeitos no interior de agenciamentos [...] A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformas – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios com os sujeitos de suas próprias práticas e das políticas de outros sobre eles (Rose, 2001, p. 3).

Sob esse prisma, a forma como a experiência no aplicativo afeta os usuários, assim como as estratégias das empresas desenvolvedoras, corrobora diferentes visões de

mundo e planos de organização que atuam na subjetivação dos indivíduos (Bruno *et al*., 2021; Faustino; Lippold, 2024). Tais vetores podem ser relacionados tanto à conectividade global, que amplia as possibilidades de relacionamento nesses espaços digitais, quanto aos debates sobre a autenticidade e a durabilidade dessas interações digitais. Além disso, a influência dos aplicativos de relacionamento na sociedade contemporânea é intrínseca à dinâmica cultural, pois eles não apenas refletem as normas e valores existentes, mas também contribuem para moldar novas perspectivas e paradigmas relacionados ao amor, relacionamentos e identidade. Portanto, ao investigar esses impactos, torna-se fundamental avaliar criticamente as implicações éticas, sociais e psicológicas decorrentes da crescente interdependência entre o mundo digital e as interações interpessoais.

Metodologia

Inspirados pela Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) e pelos campos emergentes dos *App Studies* (Bruno *et al*., 2021), esta pesquisa entende os aplicativos não como objetos isolados, mas como entidades relacionais emaranhadas em infraestruturas multinível compostas por atores técnicos, econômicos e culturais. Para investigar o potencial impacto dos aplicativos de saúde voltados ao HIV, adotamos uma metodologia que percorre distintas camadas dessas "caixas-pretas", da interface visível ao usuário até as conexões e lógicas menos evidentes que as sustentam.

A investigação se desdobrou em três etapas principais, detalhadas a seguir:

O primeiro passo consistiu na identificação, mapeamento e seleção dos aplicativos. Partimos das lojas oficiais (Google Play Store e Apple App Store), um ponto de entrada fundamental, ainda que limitado, para estudos multissituados.

Para contornar a limitação de dados públicos e buscas personalizadas, a seleção foi guiada pelos critérios de conteúdo, abrangência, popularidade e atualização, elaborados para garantir relevância no contexto da pesquisa.

Visando ao critério de conteúdo, realizamos busca ativa por aplicativos em português e inglês, utilizando os termos-chave: "HIV", "AIDS", "PrEP", "PEP", "saúde sexual" e "IST".

A amostra também atendeu ao critério de abrangência, contemplando a diversidade do campo estudado e incluindo tanto aplicativos dedicados somente à saúde (como o Viva Bem e o *Liverpool HIV iChart*), quanto aplicativos de relacionamento que incorporam funcionalidades de saúde (como o *Grindr*) e aplicativos segmentados para pessoas que vivem com HIV (como o *Pozlife*).

Por fim, adotando critérios de popularidade e atualização, foram priorizados aplicativos com um número significativo de downloads (quando disponível) e que apresentassem atualizações recentes, indicando manutenção ativa pelos desenvolvedores.

A partir desses critérios, uma lista foi compilada e refinada, resultando na seleção final dos aplicativos analisados em profundidade.

A análise dos aplicativos selecionados desdobrou-se em dois eixos complementares, visando capturar tanto a dimensão discursiva quanto a materialidade técnica dessas ferramentas. O primeiro eixo dedicou-se à análise da camada visível, com foco no discurso, na interface e nas funcionalidades de cada aplicativo. As questões norteadoras foram: como os aplicativos se descrevem e quais problemas pretendem solucionar? Que concepções de saúde, subjetividade e vida com HIV suas interfaces e funcionalidades comunicam?

Para respondê-las, conduzimos uma leitura crítica das descrições nas lojas de aplicativo e sites corporativos, bem como uma experiência de navegação, por meio da qual documentamos os fluxos de uso, os campos de informação solicitados (como estado sorológico, carga viral e medicamentos) e a linguagem visual e textual empregada.

O segundo eixo, voltado à análise da camada mais invisível do campo, investigou as políticas de dados e a presença de rastreadores. As perguntas centrais foram: que dados são coletados e com que finalidades? Eles são compartilhados com terceiros? Esta etapa envolveu o exame cruzado dos Termos de Uso e Políticas de Privacidade e, no cado de aplicativos Android, o uso da plataforma de auditoria εxodus para identificar a presença de *trackers* nos pacotes de instalação, mapeando assim o fluxo de dados para além do declarado e inferindo aspectos dos modelos de negócio.

A articulação sistemática entre esses dois eixos permitiu desvelar as contradições entre o discurso público (visível) e as operações técnicas (invisíveis) de cada aplicativo.

Paralelamente à análise dos aplicativos, foi conduzida uma revisão das narrativas em diferentes plataformas online, com o intuito de contextualizar os achados no debate científico e nas experiências dos usuários. Esta etapa incluiu a análise de artigos das áreas de saúde pública, estudos sociais da ciência e tecnologia e comunicação, focando no impacto de aplicativos na prevenção, adesão ao tratamento e produção de subjetividades. Complementarmente, realizamos uma busca e leitura de discussões em fóruns, blogs e redes sociais, a fim de capturar narrativas, percepções e experiências não mediadas dos usuários sobre as ferramentas em análise.

A articulação teórico-metodológica final percorre as tensões entre as dimensões visível/invisível e individual/relacional, buscando compreender como a ênfase discursiva na autonomia e no autocuidado contrasta com a complexidade da rede de dados, algoritmos e interesses comerciais na qual os usuários estão inseridos. Essa abordagem transdisciplinar permite uma compreensão ampla do papel dos aplicativos não apenas como ferramentas de saúde, mas como atores na produção de subjetividades e na modelagem da experiência de viver com HIV na era digital.

Resultados

A presente pesquisa investigou o potencial impacto dos aplicativos de saúde voltados para o HIV na prevenção, diagnóstico e tratamento do vírus, por meio de uma análise multinível que articula a experiência de navegação, a exploração das camadas técnicas e a busca por narrativas dos usuários em fóruns, blogs e redes sociais. A investigação, discutida na literatura científica e em plataformas de comunicação online, revela um cenário complexo, em que as promessas de cuidado e conexão são constantemente tensionadas por lógicas de mercado, estigmatização e negligência infraestrutural.

Durante a pesquisa, realizada em fóruns digitais voltados à comunidade LGBTQIA+ e às PVH, observamos que alguns aplicativos adotam campanhas publicitárias que apresentam aspectos estigmatizantes, tomando as PVH sob um olhar patologizante. Esta abordagem, longe de ser um detalhe discursivo, desdobra-se na ação dos aplicativos como catalisadores de violências simbólicas e no reforço de estereótipos, como indicam alguns estudiosos do campo digital (Faustino; Lippold, 2024; Fisher, 2023)

Morozov (2018, p. 33) afirma que "viver como um empresário de si mesmo é uma promessa tentadora de liberdade". No entanto, nossa análise revela que essa liberdade no ambiente digital é profundamente paradoxal. A sensação de realização ao ser visto e reconhecido esbarra em arquiteturas de controle que operam de forma opaca (Bruno, 2013; Bruno *et al*., 2021). A forma como as relações interpessoais são dinamizadas nesses espaços cibernéticos intensifica, por mecanismos de vigilância comercial, a política ontológica baseada em um eu individualizado.

Quando nos deparamos com a crítica do conceito e da ideia de um eu individualizado, proposta por Nikolas Rose (2001), entendemos que os processos de subjetivação se fazem e desfazem de maneira constante, em trocas com o meio. Assim, os modos como nos inserimos e habitamos o espaço digital marcam a subjetividade de cada um. Contudo, a análise dos aplicativos demonstra a assimetria a que os usuários, afetados por algoritmos, termos de uso abusivos e rastreadores, estão sujeitos e a baixíssima possibilidade de se proteger de fato com relação a eles.

Essa algoritmização da vida é um dos feixes dos paradoxos contemporâneos em torno das promessas de autonomia e autocuidado oferecidas pelos aplicativos, mediadas por sistemas opacos que concentram o controle e minam a agência individual. A dimensão da promessa, que nunca é cumprida, é fundamental para esse tipo de prática de saúde que envolve uma cidadania biológica e um mercado de esperanças – de cura, de controle, de facilidades e comodidades, raramente tão bem efetuadas (Rose, 2013). Os sistemas de algoritmização hegemônicos dominam os ambientes digitais e exercem meios que canalizam os desejos, principalmente pela imagem de masculinidade regida por esses sistemas, no caso do *Grindr*.

Nesse cenário, a análise cruzada dos aplicativos selecionados – *Grindr*, *Pozlife Community*, Viva Bem e *Liverpool HIV iChart* – revela como essas dinâmicas se materializam, criando ecologias digitais distintamente problemáticas para as pessoas que vivem com HIV e utilizam esses aplicativos. A articulação entre a camada visível da interface e da experiência do usuário e a camada invisível dos rastreadores e termos de uso, somada às narrativas dos usuários, evidencia um paradoxo central: a promessa de autonomia e cuidado é sistematicamente minada por infraestruturas técnicas e lógicas econômicas que reproduzem a estigmatização e potencializam a exploração dos usuários dos aplicativos analisados.

Grindr: a vigilância comercial como regra

O aplicativo de relacionamento Grindr, projetado inicialmente para a comunidade LGBTQIA+, introduziu uma dinâmica baseada em encontros casuais e na seleção de parceiros por meio de perfis detalhados. No entanto, nossa análise vai além da interface. A investigação de sua camada invisível expõe uma infraestrutura de vigilância comercial sofisticada. Os Termos de Uso e Política de Privacidade do *Grindr* permitem o compartilhamento de dados altamente sensíveis – incluindo estado sorológico, uso de PrEP e geolocalização precisa – com uma miríade de parceiros de negócios e prestadores de serviços.

Esta prática é operacionalizada por uma constelação de *trackers* (como Google Analytics, Facebook Analytics, AppsFlyer e Adjust), que transformam a intimidade e a saúde sexual em *commodities* – numa lógica de acumulação primitiva de dados (Faustino; Lippold, 2024). O discurso de empoderamento e conexão, visível na interface, contrasta violentamente com um modelo de negócio predatório, baseado na extração e monetização da vulnerabilidade (Bruno *et al*., 2021; Fisher, 2023). Essa contradição é vivida na pele pelos usuários, cujas narrativas em fóruns online descrevem o aplicativo como um campo minado. Relatam ser bloqueados ou ignorados após declararem seu status sorológico, sendo alvo de estigmatização ou, de forma paradoxal, de fetichização (*bug chasing*). Com isso, até a geolocalização, que promete proximidade, pode se tornar um vetor de discriminação espacial, enquanto as *tags* e tribos, que simulam pluralidade, frequentemente codificam hierarquias e exclusões. A promessa de conexão dá lugar à ansiedade e ao cansaço da gestão constante do estigma, em que o usuário é, ao mesmo tempo, produto e alvo em um ecossistema de vigilância (Fisher, 2023).

Pozlife Community: o gueto digital estigmatizante

Já o aplicativo *Pozlife*, direcionado para pessoas que vivem com HIV/AIDS e outras IST, propaga em sua própria descrição narrativas que naturalizam a estigmatização, como a ideia de que namorar/se relacionar seria muito difícil sem o uso da plataforma. Nossa

análise demonstra que essa lógica patologizante se estende à sua operação. A política de privacidade do aplicativo, embora vaga, admite o compartilhamento de dados de saúde com "parceiros e fornecedores de serviços" para fins de marketing.

A auditoria de seu pacote de instalação revela a presença de *trackers* como *Google Analytics* e *Firebase Analytics*, que monitoram as interações dos usuários dentro deste suposto – ou, pelo menos autodeclarado –refúgio seguro. Assim, a condição de saúde, que deveria ser o fundamento de uma comunidade de apoio, é transformada em um ativo rastreável e comercializável. As experiências colhidas em comunidades online confirmam que os usuários percebem esta dinâmica perversa. Eles descrevem o *Pozlife* como um gueto digital, um espaço para onde se sentem empurrados após sofrerem rejeição e até banimento em outras plataformas. A queixa recorrente da baixa densidade de usuários e as interfaces desatualizadas reforçam a sensação de isolamento e abandono. A comunidade, portanto, é vivida com resignação e fatalismo, onde o que resta como principal parece ser menos a busca por aceitação que a exploração comercial dela. A plataforma, em vez de dissolver o estigma, o capitaliza, confinando os corpos "sujos", menos valorizados, a um mercado de afetos segmentado e controlado (Favero, 2022).

Viva Bem: a negligência estatal como violência

O aplicativo Viva Bem surge como uma solução inovadora para o gerenciamento de medicamentos e saúde mental. Nossa análise técnica, no entanto, identificou uma contradição fundamental. Em contraste com os aplicativos comerciais, o Viva Bem apresenta uma política de privacidade mais restritiva, compatível com sua natureza governamental, e quase nenhum tracker comercial, utilizando ferramentas voltadas apenas para a estabilidade do sistema.

O problema crucial, entretanto, é a negligência infraestrutural. A escassez de atualizações, os *bugs* frequentes e a otimização deficiente, especialmente após a transição para o login com o sistema gov.br, não apenas comprometem seus objetivos, mas produzem uma forma específica de violência burocrática: a da promessa não cumprida pelo poder público. As narrativas dos usuários, colhidas nas avaliações da Play Store e em fóruns, são unânimes em expressar raiva e decepção. Relatos de "app que não loga", que tem "travamentos constantes" e até "perda de dados" são frequentes. O aplicativo, que promete cuidado, torna-se uma fonte de insegurança e frustração, simbolizando o abandono do poder público em sustentar suas próprias ferramentas de promoção de saúde. Sua precariedade técnica (isto é, seu aspecto mambembe) é signo de uma biopolítica inoperante, que registra a vida para o controle, mas falha em sustentá-la tecnicamente (Rose, 2013).

Liverpool HIV iChart: a opacidade sob o véu acadêmico

Desenvolvido pela *University of Liverpool*, o aplicativo *Liverpool HIV iChart* oferece uma interface para simulação de regimes medicamentosos. Nossa análise de seus Termos de Uso e Política de Privacidade revela uma significativa opacidade institucional. Não é claro como os dados inseridos para simulação são armazenados, utilizados ou se são anonimizados para pesquisa.

A despeito de sua proposta educacional e da aparente ausência de um modelo comercial explícito, essa falta de transparência gera desconfiança. A autoridade científica e o vínculo com a academia, que deveriam garantir credibilidade, funcionam aqui como um véu que obscurece os fluxos de dados.

As discussões em fóruns especializados refletem esse ceticismo. Enquanto usuários elogiam sua utilidade clínica, muitos admitem usar dados fictícios nas simulações, por medo de onde suas informações sensíveis podem parar. A relação com o aplicativo é, portanto, de cautelosa aprovação, mas mediada pelo receio, demonstrando que mesmo as iniciativas bem-intencionadas falham ao não garantirem transparência e confiança aos seus usuários. Essa opacidade, mesmo quando não é movida por um interesse comercial direto, corrói a confiança necessária para uma relação saudável com as tecnologias de saúde.

Conclusão

Esta pesquisa demonstrou que os aplicativos analisados – *Grindr*, *Pozlife Community*, Viva Bem e *Liverpool HIV iChart* – longe de serem meios ou ferramentas neutras, não deixam de ser ambientes digitais de risco para as PHV. A triangulação metodológica revelou um paradoxo estrutural: a promessa de autonomia, cuidado e conexão é sistematicamente minada por infraestruturas técnicas e lógicas econômicas que reificam o estigma e exploram a vulnerabilidade dessas pessoas.

O *Grindr* opera como uma plataforma de vigilância comercial predatória, onde a intimidade e os dados de saúde são transformados em commodities. O *Pozlife Community*, sob o véu de um refúgio seguro, institucionaliza o gueto digital, capitalizando a segregação que diz combater. O Viva Bem, representante da iniciativa estatal brasileira, personifica a violência da negligência infraestrutural, em que a promessa de cuidado é anulada pela inviabilidade técnica de uso. Por fim, o *Liverpool HIV iChart*, mesmo sob o manto do trabalho acadêmico, falha ao operar com opacidade, corroendo a confiança fundamental para qualquer tecnologia de saúde.

Coletivamente, estes aplicativos falham em seu propósito declarado. Eles não apenas deixam de cumprir integralmente suas promessas, como reproduzem ativamente, no ambiente digital, as mesmas hierarquias, controles e violências que marcam a história

social do HIV/AIDS. A "peste do século XX" encontra seu correlato digital na lógica que rege um cenário multifacetado de vigilância comercial, segregação algorítmica e abandono tecnológico. A biopolítica contemporânea, portanto, não se exerce apenas sobre a vida biológica, mas sobre os fluxos de dados que a constituem digitalmente, criando novas formas de inclusão excludente (Faustino; Lippold, 2024).

Além disso, é pertinente ressaltar que plataformas de busca como Google e Bing, ao fornecerem resultados durante buscas contendo as seguintes *tags*: relacionamento, aplicativo, HIV, apresentaram respostas estigmatizantes como "Como os apps de paquera podem favorecer as infecções por HIV?" e "É possível namorar uma pessoa com HIV?". Elas não são meros equívocos, mas o reflexo de um ecossistema intoxicado. A desconfiança estrutural identificada não é um problema ou uma patologia do usuário, mas uma resposta racional a um ambiente hostil e de nada confiável em termos de manejo e fluxo de dados dos usuários.

Portanto, urge repensar o desenvolvimento e a regulação dessas tecnologias, não a partir de uma lógica de otimização técnica ou de mercado, mas a partir de um quadro ético interseccional que coloque a dignidade, a privacidade e a agência das pessoas que vivem com HIV no centro. Sem uma ruptura com os modelos predatórios de extração e mineração de dados e com a negligência estatal, os aplicativos continuarão a ser não ferramentas de emancipação, mas novos vetores de um velho estigma.

Referências

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser*: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRUNO, Fernanda Gloria et al. "Tudo por conta própria": autonomia individual e mediação técnica em aplicativos de autocuidado psicológico. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 6-24, jan./mar. 2021. DOI: https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2205.

FAVERO, S. *Psicologia suja*. Salvador: Devires, 2022.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana. *In*: FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. *Que humano é esse das humanidades digitais*? Por uma crítica hacker-fanoniana ao fardo do nerd branco. São Paulo: Boitempo, 2024. p. 133-149.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. Que humano é esse das humanidades digitais? Por uma crítica hacker-fanoniana ao fardo do nerd branco. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 34, n. 68, p. 133-149, 2023. DOI: https://doi.org/10.5216/rth.v26i1.76256.

FISHER, Max. *A máquina do caos*: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech*: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ROSE, Nikolas. *A política da própria vida*: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. *In*: SILVA, T. T. (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

Recebido: 13 de novembro de 2025

Aprovado: 06 de junho de 2026